2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 45. QUINTA FEIRA, 13 DE SETEMBRO DE 1849. 8.º ANNO.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Exposição da Industria Nacional.

731 No primeiro dia de Outubro a grandiosa sala do Risco do Arsenal da Marinha se franqueará ao publico, para que a nação avalie o estado da nossa industria.

Cumpre-nos saudar desde já este facto de alta importancia para a solução das nossas questões financeiras.

Em 4 de Janeiro (*) escrevemos: « Uma exposição da industria nacional será, na epocha em que estamos, um importante documento para a solução do nosso problema economico. »

Por essa occasião convidavamos os industriaes do paiz para que realisassem o nosso pensamento. Felizmente não tarda que o desejo se realise. E não são as cellas acanhadas de um convento, nem a sua bibliotheca, que se abrem para receber os productos da industria: o Governo a vem saudar respeitoso, hospedando-a em um dos mais vastos edificios do Estado.

Cumpre que a exposição seja uma verdadeira festa nacional. Os dias que recordam estes grandes factos da civilisação, se não se inscrevem no Kalendario, vão, apesar d'isso, encher muitas paginas na historia economica de um povo.

É mister fallar aos sentidos, para que a rasão oiça.

O Governo e a Sociedade Promotora da Industria Nacional não devem poupar esforços para que a exposição faça honra ao paiz.

Sabemos que o Governo pouco póde fazer. O Orçamento não tem, entre os centenares das suas verbas, uma que auctorise qualquer despeza n'este sentido. Esta falta é prova do errado caminho por onde nos levam ha tantos annos.

A Sociedade Promotora da Industria não póde fazer quanto deseja, porque os seus capitaes limitados teem muitas obrigações que os exigem.

Attendendo a tão notavel falta de recursos, lembra-nos um meio. Os industriaes e commerciantes abram entre si uma subscripção, e por certo não será das que só ficam em plano. É mister crer n'estas coisas, não deixar arrefecer o fogo do enthusiasmo, e não afogar na incuria do presente as grandes idéas que se podem desenvolver no futuro.

Para nós a proxima exposição é de muita importancia.

Portugal está em um periodo de reacção contra o que simplesmente se chama—politica dos partidos.

O paiz não interroga o Governo sobre a côr da sua bandeira; exige justiça, e clama pela civilisação que lhe falta. A questão financeira mudou tambem de aspecto, ou antes, deixou de ser vista do centro da epopea de cifras, que tem servido de pedestal a muitos financeiros.

A illusão já não tem força para prolongar pertinazmente a vida do paiz. A Europa transforma-se pela applicação dos principios economicos, estudados pelos seus homens de estado; e Portugal não póde só ser nação em volta da urna, disfarçando a fome com a esperança de mais um emprestimo.

A sciencia financeira é, ao presente, o estudo das necessidades dos recursos do paiz, e das relações que póde haver entre a producção dos nossos valores e a dos valores estrangeiros.

As pautas foram o reconhecimento de um principio vital; mas não tiveram, nem podiam

(*) Vide n.º 9 do presente volume.

ter a base que hoje se póde dar á nossa legislação de alfandegas. A exposição que está proxima, considerada em relação ao periodo em que a pauta tem vigorado, é de muita valia para o que se deve fazer. É mister julga-la com referencia á pauta e aos interesses da agricultura, concluindo a analyse por meio dos inqueritos que se julgarem precisos.

Consta-nos com prazer que o Sr. Ministro da Fazenda tem desde já lançado mão d'este ultimo recurso, o que lhe faz muita honra. O seu talento e estudo podem ganhar-lhe muita gloria, se tentar, como esperamos, a definição da nossa situação economica, pois que é nossa humilde opinião que só d'este ponto se póde partir para o melhoramento financeiro.

O emprestimo, e o imposto sempre crescente, não são principios de governo, são meios de addiar uma solução esperada: ora, o paiz o que precisa é a organisação que esses meios lhe não podem dar. A nação deve conhecer taes verdades ainda mais que o Governo, e como prova de que as conhece deve ceder ao convite que se comprehende no programma que se segue para a exposição da industria a que nos temos referido, e sobre a qual antecipámos algumas reflexões, que deviam acompanhar outras que faremos, porque era dever nosso fundamentar a muita esperança que temos n'esta exposição.

Programma para a exposição dos productos de industria nacional, que a Sociedade Promotora tenciona apresentar ao publico no corrente anno de 1849, e no local que opportunamente será designado.

1.º A Sociedade Promotora da Industria Nacional convida todos os fabricantes, artistas, proprietarios d'officinas, laboratorios, agricultores de qualquer materia prima, e curiosos de ambos os sexos, tanto da capital como das provincias, nacionaes, ou estrangeiros estabelecidos em Portugal, a concorrerem com os productos da sua industria e engenho á exposição que a Sociedade pertende apresentar.

2.º A exposição dos artigos de industria fabricados no paiz, que a Sociedade podér obter, será aberta ao publico no dia 1.º de Outubro proximo, e continuará em todos os dias successivos até ao dia 31 do mesmo mez.

3.º Os fabricantes e artistas que quizerem concorrer com os productos de sua industria, o farão mandando-os ao local que convenientemente lhes for designado, todos os dias não santificados desde o 1.º até 25 de Setembro proximo, das 10 horas da manhã até ás 5 da tarde.

4.º Os apresentantes de quaesquer productos destinados á exposição receberão no acto da entrega, um recibo assignado pelo Ajudante do Secretario, e rubricado por um dos Secretarios do Conselho Administrativo da Sociedade, no qual será designado o objecto recebido, de quem recebido, e quaesquer outras clarezas que o apresentante exigir.

5.º Será permittido aos proprietarios de quaesquer productos apresentados, ou a pessoas que para isso elles queiram nomear, o fazer durante a exposição quaesquer explicações que julgarem convenientes, relativas aos respectivos productos; podendo para isso os mesmos proprietarios, ou as referidas pessoas, permanecer junto dos objectos que lhes dizem respeito, ou virem quando quizerem ao local da exposição para fazer aquellas explicações.

6.º Se os apresentantes de productos para a exposição julgarem conveniente fazer quaesquer declarações ou observações relativas aos productos da sua industria, mesmo os não apresentados, mas que fabriquem, ou possam fabricar, apresentando-as por escripto, ou fazendo-as verbalmente no acto da entrega, em que se designem seus usos, utilidades e preços (se lhes convier) e mesmo se podem ou não ser vendidos; estas se farão igualmente patentes no decurso da exposição, e no relatorio que d'esta se publicar.

7.º Os fabricantes ou artistas, que não quizerem que os seus nomes sejam publicados, poderão guardar o anonymo.

Lisboa. Sociedade Promotora da Industria Nacional, 13 de Maio de 1849.

O 1.º Vice-Secretario

José Pedro Collares Junior.

O Conselho de Direcção da Sociedade Promotora de Industria Nacional faz publico o seguinte:

1.º Que o local para a exposição dos productos de industria portugueza será a sala do risco do Arsenal da Marinha, onde desde já se rece-

bem os objectos destinados á mesma exposição.

2.° Que será dada uma medalha de oiro ao inventor de alguma machina, ou qualquer outro objecto, cuja reconhecida utilidade seja extremamente sensivel á navegação, agricultura, ou á industria em geral.

3.° Mais doze medalhas de prata para as invenções, aperfeiçoamentos, ou productos mais primorosos, dos quaes resultem interesses visiveis para a industria em geral.

Analyse alcoolometrica dos vinhos.

Chamamos a attenção dos nossos agricultores vinhateiros para o artigo que se segue.

732 Entre os diversos principios, que constituem os vinhos, o alcool é, sem duvida, o mais interessante. Determinar a riqueza alcoolometrica dos vinhos seria, para os agricultores, uma tarefa utilissima, que os faria conhecer as causas que influem no augmento ou diminuição do alcool dos seus vinhos, taes como a temperatura das estações, os diversos methodos de cultura, a natureza do terreno; bem como das vasilhas em que os conservassem. Só por este meio o vinhateiro poderia classificar devidamente os vinhos, e ajuizar do seu valor. Além d'estas vantagens, conseguir-se-hia, tendo-se feito taboas da média proporcional da riqueza alcoolica dos vinhos de differentes sitios, conhecer a fraude, de que tanto usam os taberneiros, e mesmo outros negociantes, de addicionarem agua aos vinhos muito alcoolicos, e aguardente aos de pouca força.

Este estudo tem merecido a attenção dos chimicos de differentes paizes; tem-se mesmo escripto tabellas das quantidades de alcool que os diversos vinhos teem; e é a esses escriptos estrangeiros que nós recorremos sempre que precisâmos empregar algum d'esses vinhos, que mereceram a attenção dos analysadores. Este estudo, porém, em relação aos nossos vinhos, é defeituosissimo, não só porque versa sobre um numero d'esses muito limitado, mas ainda porque é feito em vinhos aguardentados, e que, conseguintemente, não representam o estado natural dos mesmos, servindo assim de nada aos agricultores.

Em Portugal, paiz essencialmente vinicola, não se tem feito por em quanto, que o saibamos, nem um só d'estes ensaios. O nosso lavrador, pela maior parte, nasce rotineiro, e rotineiro morre; e nem sequer tem uma eschola, onde veja e apalpe estes factos grandemente uteis para o progresso dos seus interesses; e, o que é mais, ignora muitas vezes que a sciencia possue meios faceis de demonstrar-lhe verdades, que só uma longa e mal dirigida observação 'lhe fez entrever. É por isso que nós queremos que os parochos, pelo seu ministerio de pastores, e a imprensa, em vez de se entreter com mesquinhas questões, se dignem diffundir pelos agricultores as luzes de que elles tanto carecem, e a fazer-lhes crear o gosto pelo seu progresso, demonstrando-lhes as vantagens de se applicarem a estudos praticos, e acordando-os assim do somno em que jazem.

A sciencia hoje possue diversos meios mais ou menos faceis e perfeitos para avaliar a quantidade de alcool, que naturalmente existe em um vinho, e as porções que se lhe juntaram para o falsificar, bem como d'agua.

Usou-se algum tempo empregar o areometro, examinando directamente os vinhos; este meio, segundo a minha propria experiencia, e mesmo segundo a opinião de Bussi (J. de Ph. et Ch.), não é satisfatorio, e induz a graves erros. Gay-Lussac indicou um apparelho muito simples, muito commodo, e até elegante, e sobretudo de muito pequeno preço, que, segundo a opinião de um auctor grave, com quem nós concordâmos, é de todos o mais exacto. Este apparelho, que nós possuimos, consiste em um pequeno alambique, com o competente serpentino, duas provetas de vidro graduadas, e um alcoolometro centessimal. Mede-se, pela proveta maior, uma dada quantidade do vinho, que se quer examinar, lança-se na cucurbita do alambique, aquece-se com uma alampada de alcool, e recebe-se o producto da distillação na proveta mais pequena, até que se tenha obtido a terça parte do vinho empregado. Então pára a operação, deixa-se resfriar o liquido obtido, e examina-se com o alcoolometro a quantidade de alcool que tem. Esta quantidade divide-se por tres, e temos assim a proporção de alcool por cem. Esta operação gasta minutos.

Este anno tencionámos começar a fazer este estudo, e para isso dirigimo-nos a muitas e diversas pessoas, que teem quintas na Estremadura, afim de nos enviarem pequenas quantidades dos seus vinhos, ainda não addicionados de aguardente, com as necessarias precauções, afim de os examinarmos: o bem era geral; porém, não obstante, só quatro d'estas pessoas tiveram a bondade de satisfazer o nosso pedido!!!!

Este desprezo vergonhoso do bem proprio, e do progresso material do nosso paiz, não me entibiou a ponto de desistir do intento; e tenciono fazer, no tempo competente, novos esforços para continuar o começado. Estes trabalhos, que mal podem ser feitos por um homem só, necessitam ser coadjuvados pelos interessados, mórmente quando esta coadjuvação não comporta despeza alguma, por isso que me presto a analysar qualquer vinho gratuitamente.

Seria, por tanto, muito para desejar, que, ou os nossos lavradores se occupassem de fazer estas experiencias, que, pela sua simplicidade, estão ao alcance de todos, ou, querendo, nos enviassem pequenas porções dos vinhos das suas quintas (um quartilho é sufficiente para este ensaio), com a declaração circumstanciada do nome do dono, terra que o produziu, etc., e tendo a maior cautella em que se lhe não tivesse juntado aguardente. Repetindo estas experiencias um certo numero de annos, poder-se-hia colher dados muito interessantes para o cultivo e arranjo d'esta tão util bebida.

De París mandou o Sr. Tedeschi vir o Ebullioscopo de Conaty, e o Dilatometro de Silbermann; e nós propozemos á Sociedade Pharmaceutica a sua compra, afim de continuarmos nas analyses alcoolome-

tricas. Tanto o primeiro como o segundo d'estes instrumentos, como se colhe da inspecção dos seus desenhos, e do relatorio, que, ácerca d'elles, fez Bussi, são bastante exactos, e de uso muitissimo facil. Seria para desejar que alguem, interessado pelo progresso da nossa agricultura, os mandasse vir. O Ebullioscopo é fundado na propriedade que tem a agua e o alcool, de ferverem a uma temperatura constante, debaixo de uma dada pressão. Fervendo a agua a 100° e o alcool a 78° debaixo da pressão de $0^m,76$, o vinho entrará em ebulição a uma temperatura tanto mais proxima de 100°, quanto mais alcool tiver. e vice versa, tanto mais agua n'elle se contiver, quanto a sua ebulição se aproximará de 100°.

O Dilatometro é fundado na propriedade, que tem a agua e alcool de se dilatarem diversamente, quando se expõem a uma mesma temperatura. A agua de 0° a 100° dilata-se 0,0466 do seu volume, e o alcool na mesma temperatura dilata-se 0,1254, vindo assim um vinho, muito rico em alcool, a dilatar-se muito mais do que um outro, em que abunda a agua. O emprego d'este segundo instrumento parece-nos mais facil, e talvez seja mais exacto. Do resultado da comparação de ambos daremos conta a seu tempo.

João José de Sousa Telles.

Mappa demonstrativo da illuminação a gaz, pela Camara Municipal de Lisboa, desde o seu começo em Junho de 1848.

733

Mezes desde o começo	*Numero de candieiros*	*Importancia paga á Companhia*
1848		
Julho	26	2$592
Agosto	60	65$470
Setembro	72	103$024
Outubro	148	222$642
Novembro	161	319$824
Dezembro	176	380$096
1849		
Janeiro	177	381$350
Fevereiro	182	319$992
Março	189	337$570
Abril	279	401$481
Maio	316	425$429
Junho	347	420$765
Julho	389	498$914
Agosto	402	535$581
		4:414$730

No dia 31 de Agosto de 1849.

Candieiros illuminados por gaz	402
» » por azeite	2:168
Total de candieiros da illuminação da cidade.	2:570

Pessoal pago pela Camara na actualidade, para o serviço da illuminação por azeite.

1	Administrador (por anno)	280$000
1	Escripturario (idem)	150$000
9	Fieis de Deposito (por mez)	14$400
9	Ditos ambulantes ou rondistas (por dia)	$320
153	Serventes (por dia em que trabalham).	$240
1	Pintor e vidraceiro (idem)	$360
1	Canteiro (por dia em que trabalha.)	$400
1	Moço ou fiel (por dia)	$320
176		

Póde calcular-se hoje 500 almudes de azeite de consumo por mez, e que custa, termo medio, a 2$700 rs. por almude. Estamos bem informados para assegurar que um candieiro illuminado por azeite, com todas as despezas inherentes, orça por 15$000 rs. annuaes; e um de gaz orça por 21$000 rs.

A rasão por que o candieiro por gaz sahe mais caro que por azeite, não é porque na unidade de tempo seja mais caro o gaz, antes pelo contrario é mais barato; é sim porque o numero de horas, que os candieiros por gaz estão acesos é muito maior, por quanto os de azeite duram illuminados até pouco mais da uma hora da noite, e não se acendem nas noites de luar, e os outros duram illuminados até á madrugada constantemente em todo o anno.

A illuminação de gaz é fiscalisada e rondada pelos empregados da illuminação de azeite, que, por escala, são *detalhados* para esse serviço, sendo n'essas noites pagos pela Companhia na rasão de 480 rs., mais 160 rs. do que paga a Camara, por isso que o trabalho é dobrado n'estas rondas, pois na actualidade todos os 402 candieiros são rondados por dois ficaes unicamente.

(Communicado.)

Cholera-Morbus.

734 Diz um jornal francez *(L'Indépendant du Nord)* que em Lille tem-se posto em pratica um tractamento, para esta terrivel enfermidade, que tem dado muito bons resultados.

Logo que um individuo apparece com os primeiros symptomas do mal, levam-n'o para uma caza, onde haja uma machina de vapor, e collocam-n'o, envolto em fortes coberturas, no quarto onde existe o *gerador* do vapor. Á proporção que o vapor vae aquecendo a caza, o individuo atacado vae melhorando, até que no fim de umas dez ou doze horas se acha livre de perigo, e entra em convalescença.

Diz o citado jornal — que todos os atacados, que se teem sujeitado a este tractamento, nenhum tem

succumbido, attribuindo a sua cura ao calor impregnado de humidade, que se espalha pela caza, e produz tão promptos resultados.

* *

PARTE LITTERARIA.

O ultimo amor.

IV

735 A MARQUEZA de *** tinha mais de trinta annos. É a edade dramatica da vida feminina. É quando a natureza apressa, de dia para dia, o termo fatal da soberania da mulher — e é quando a mulher lucta com a natureza, pelas seducções da arte na *toilette*, e pelos mysterios do vermelho, do branco de balêa, e das espessas camadas do *cold-cream*. A mulher da moda soffre uma decomposição moral nas diversas estações da edade. Aos trinta e cinco annos começa a ser maldizente; aos quarenta annos tem em pouco as vaidades do mundo, e lembra-se unicamente de ser devota.

A marqueza de *** era uma d'estas mulheres inoffensivas, cujo codigo de moral cifrava-se apenas no respeito escrupuloso das conveniencias. Viuva muito cedo, corria pelos circulos da sociedade, que não acceitára totalmente os deveres da abnegação: os maldizentes ignorantes multiplicavam caprichosamente o numero dos seus amantes, e calumniavam-n'a. A marqueza não era nem uma marqueza da regencia, friamente estouvada e perdida de costumes, nem uma virtude austera, que, sem abdicar os prazeres do mundo, sabe conservar-se pura e intacta de todas as seducções.

A grande arte d'uma mulher de espirito — que são raras — é de empregar todas as suas faculdades no grande fim, que, na sociedade, ainda é mais apreciado do que a virtude, ainda mais do que o heroismo — o de moralisar a desmoralisação. A marqueza amava um homem mediocre, que a dominava: recebia, por vaidade, a côrte de um homem de talento, que a apreciava de véras, e de quem ella se ria: e para em tudo seguir os caprichos da moda, acceitava graciosamente á queima-roupa as finezas semsabormente hyperbolicas do *leão* do dia, do homem-figurino, do senhor L***.

A marqueza deu immediatamente um logar no seu camarote a Eugenia. Custou-lhe, ao principio, a idéa de uma concorrencia tão perigosa: depois resolveu luctar pela sciencia contra a ingenuidade: sendo boa de coração, capaz de sacrificios, não recuou todavia perante esta missão infernal, de fazer uma victima d'aquella que lhe haviam dado para dirigir e aconselhar.

É que ha, quasi sempre, nas mulheres, ainda as de mais generoso caracter, um sentimento superior á justiça e á consciencia — é o amor-proprio. Não digo que não exista o mesmo defeito nos homens, mas estes, fortalecidos pelo estudo, ou distrahidos pelo movimento social, apresentam-n'o mais modificado. É um vicio organico quasi, uma fatalidade de constituição moral, que o mundo tende sempre a exagerar e a desinvolver. A lucta das mulheres é toda no terreno do coração, no circulo estreito das relações de sociedade. Ambiciosas ou modestas, frias ou apaixonadas, não podem mudar o campo da batalha. A sociedade corta-lhe todos os vôos, e sujeita ás vezes o exercicio das mais grandiosas e nobres faculdades aos *infinitamente pequenos* da sala, á *commérage* das noticias do dia. As individualidades poderosas, que, ás vezes, destacam no meio do sexo feminino, ainda fortificam mais a regra: as Staels, as Georges Sands, são excepções, que talvez accusem o desperdicio a que a sociedade se condemna, fechando impiedosamente á actividade moral da mulher a arena dos altos interesses de organisação e de governo.

Dava-se o *Othello*. N'um dos entre-actos, o Sr. L*** foi fazer a sua visita ao camarote da marqueza. A marqueza conversava assiduamente com o seu amante, o *prémier-attaché* da sua diplomacia amorosa. O Sr. L*** aproveitou a occasião, e sentou-se ao pé de Eugenia.

Foi um momento solemne para a innocente menina. O coração palpitava-lhe como se lhe tentasse partir as abobadas do peito. Encostou languidamente a cabeça a uma das mãos, e, para não denunciar a sua perturbação, dirigiu o oculo para um dos camarotes fronteiros.

— Ama-me? disse o *leão*, suffocando um grito de triumpho. N'este momento a marqueza fez um ponto final no dialogo, e dirigiu-lhe a palavra:

— Como acha o *Othello?* Confesso que a primeira dama veste-se bem, tem bonitos braços, mas não passa d'ahi. O tenor, que tem uma figura que exclue toda a idéa de exaltação moral, cantou d'um modo a fazer resuscitar essa paixão de uma existencia problematica, e morta, segundo parece, com o *Othello* de *Shakspeare*..

— Perdoe-me, se não sou da opinião de V. Ex.ª, respondeu o *Leão*, insistindo na phrase, construida habilmente para dar dois golpes ao mesmo tempo; — negar a existencia do ciume, é, por outras palavras, condemnar tambem o amor: e se eu até aqui tivesse alguma vez descrido d'esse sentimento, renegaria o meu scepticismo aos pés de V. Ex.ª e da senhora condessa. E dirigiu ao mesmo tempo um olhar fulminante a Eugenia.

A marqueza percebeu desde logo que o cumprimento fôra sobre tudo dirigido á sua companheira, e que era mesquinha a parte que lhe tocava: quiz ensaiar um gesto de agradecimento, mas o pequeno movimento nervoso que lhe appareceu nos labios, não poderia, de boa fé, entrar na cathegoria dos seus sorrisos.

Levantou-se o panno: não podia proseguir a discussão, porque a marqueza presava-se de ser d'um *dilletantismo* exagerado.

— Esperei debalde a resposta de V. Ex.ª, disse L*** quasi ao ouvido de Eugenia; o seu silencio é-me mais penoso do que a sua indignação: se soubesse o que tenho soffrido n'esta anciedade?...

O tenor entoava n'aquelle momento o recitativo do

delicioso duetto de Rossini, que começa: *Il mio cor se divide.*

— Oh! acredite, minha senhora, continuou L*** tentando aproveitar-se d'aquelle acaso feliz, não tenho direito a ter o sentimento que Rossini pintou tão energicamente na bella creação do seu *Othello*, mas o que soffro é mais horrivel ainda do que o ciume, é tudo o que sente o condemnado na espera solemne que precede a sua sentença!

A figura era trivial, mas teve um effeito irresistivel. Eugenia, semi-morta de amor e de vergonha, balbuciou rapidamente uma resposta:

— Ámanhã á noite dá a marqueza um *soirée*: lá... lhe entregarei a sua carta! — que não li, que me não lembra de ter lido!

Havia tanta candidez, tanta innocencia n'aquella desculpa; sentia-se tão poderosamente uma lucta sublime n'aquella hesitação da paixão com o dever, que um homem de caracter elevado, não sentindo poder corresponder ao fogo virgem d'aquelle amor, teria a coragem de abdicar pertenções vaidosas.

Aos olhos de Deus, o impulso que levou Héloise aos braços de Abeillard, deve ser absolvido: a mulher que foi fraca, que sacrificou ao seu amor todos os melindres do seu sexo, que arrostou a opinião do mundo, que teve a coragem sublime de fazer do seu crime um pedestal á grandeza do seu sentimento, póde responder com confiança no dia de juizo: «Amei!»

Mas é por isso mesmo cem vezes infame o homem que abusa d'um sentimento verdadeiro, quando não sente que o merece, e que não póde, como Abeillard, nobilitar a sua amante, pelo fervor do seu sacrificio, e a energia do seu coração.

LOPES DE MENDONÇA.

(Continuar-se-ha.)

TEMOS hoje a satisfação de pela primeira vez publicar na REVISTA uma poesia do Sr. Amorim.

A poesia é uma necessidade da organisação humana; mas traduzir, por meio da arte, o que está no mais intimo da alma, é uma faculdade, que Deus não concede a todos.

A inspiração desceu do céu, sem distincções, sobre todas as classes da sociedade.

Nos campos da guerra, a espada de general passa muitas vezes da mão do nobre por seus avós para a mão do que fôra soldado raso, e começára em si a nobreza de uma geração.

No vasto templo da imprensa o operario tem o direito de desprender de uma das suas columnas a lyra de Homero, para revelar ao mundo os segredos da sua alma.

O Sr. Amorim é um poeta operario; as saudações, que a imprensa lhe dirige, o affecto com que o tractam tantos dos nossos mais acreditados escriptores, são factos, que exprimem a obra de muitos seculos, e provém da grande verdade, de que a aristocracia do talento é já uma realidade.

O Sr. Amorim é poeta por vocação — deve-o tambem ser pelo estudo.

Estamos persuadidos que a vaidade o não ha de cegar, e se ouvir só a voz do seu coração de poeta, e os conselhos dos seus verdadeiros amigos, o seu nome terá de figurar com honra na historia litteraria da nossa terra.

Canto do corsario.

736 QUEM dirá que d'estas aguas
Não sou eu sómente o rei?
O mar do mediterraneo
Ao meu sceptro sujeitei,
Ao meu sceptro — que é o *leme*,
D'onde rege a minha lei!
Á minha c'roa de nuvens,
Ao meu nome — de Muley!

Os gritos dos marinheiros
O *cabrestante* a virar:
As *anchoras* suspendendo
Do *bollinete* ao rodar.
E nas *gavias* o *gageiro*
As *bichas* a *desferrar*.
E toda a *faina* que vejo
Nos momentos de *largar*;

São as delicias, que tenho
Ao subir do *portaló!*
Dos reis mesquinhos da terra
Tenho compaixão e dó...
Qual d'elles é que domina
O seu imperio tão só?
Aqui só eu grito *arriba!*
Ou, mette o *leme* de *ló!*

E nem uma voz murmura
Contra o corsario d'Argel!
Batem-me as ondas na *proa*,
Como a lança no broquel!
No *convez* mareja a vaga
Aos balanços do baixel,
Que salta envolto d'espuma,
Como fogoso corsel!

Cresce o vento — *salta arriba!*
Gageiro! toca a *rizar!*
Mette *gavias* nos *segundos*,
Oh! *Mestre! Lesto* a *virar!*
Mette p'ra dentro os cutellos,
Joanetes a *ferrar!*
Cuidado nas *arribadas*,
Olha a *barca!*... — *bom andar!*

Leme contro! Larga escotas:
Continua o furacão!

Ala braços! Ferra a giba!
Temos agua no *porão!*
Carpinteiro! *Agua aberta!*
Deita tudo ás *bombas* mão;
O primeiro que descança
Arranco-lhe o coração!

— É este o meu elemento —
Deixa ir o *vendaval!*
D'aqui a vinte minutos
Vae passado o temporal.
Capitão! vejo navio!
Brada o *gageiro real*;
Traz bandeira americana,
Faz *proa* de Portugal!

Leme contro! mette em cheio,
Vamos a *preza* tomar!
Não deixes *bater o panno,*
Mas faz sempre por *orçar.*
Quem se atreve n'estes mares,
Que são meus, a navegar?!
Ala braços a *bombordo*...
Orçar, e não *arribar!*

Iça bandeira argelina,
Que não sei o que é temer!
Tira fóra as *escotilhas,*
Aprompta para combater!
As *portinholas* acima,
Toca morrões a accender!
O que ahi for mais valente,
Maior quinhão ha de ter!

Apresta para a *bordage,*
Que vae começar a acção!
Crava ahi meu *galhardete*
Em cima do *corrimão!*
Cruza gavias! Artilheiros,
Olho vivo, e bom morrão!
Não se perca a pontaria,
Que já temos o *mar chão!*

Dá um tiro a *sotavento*
Para lhe vêr o calor!...
Fogo!... Partiu-lhe a *retranca,*
Arría já sem valor!
É sempre assim! — Adivinham
Que aqui sou eu o senhor!
Arriam sempre bandeira
Deixando-me vencedor!

Se vem os ventos rugindo,
Logo os ventos dominei!
Se são baixeis inimigos,
Que é dos que não destrocei?
Onde está ahi perigo
Ante o qual já recuei?
Que pirata ha n'estes mares
Que não me chame seu rei?

Onde está em todo o mundo
Quem se possa comparar,
Em ter sceptro tão pod'roso,
Como o meu sceptro do mar?
Em ter esta liberdade,
Que ninguem ousa afrontar?
Olho além os horisontes,
Vejo-me — livre — sem par!

Á noite sobre a *coberta,*
Á branda luz do luar,
Sinto na *proa* a ondinha
Mansamente a murmurar!
Olho o céu — vejo as estrellas,
Tão livres! a scintillar!
E sou livre como ellas...
Ninguem me póde pegar!

Vou á terra raras vezes
Mantimentos refazer,
Quando baixeis, que m'os deixem,
Não acho para apprehender!...
Mas volto logo ao meu reino,
Onde só quero viver!
Nasci corsario dos mares,
Nos mares quero morrer!...

O meu pae era corsario,
Já seu pae assim o fez!
A minha mãe era filha
D'um corsario genovez;
E ha n'esta minha raça
Que o não sejam — só trez.
Eu não gósto das mulheres:
Sou livre assim, d'uma vez.

Sou senhor, e sou sob'rano:
Quem ha hi que diz que não?
Quem ha que viva nas ondas
Quando o mar ferve em cachão?
Quem ha que solte um sorriso
Ao inimigo canhão?
Quem ha hi? venha a meu reino,
Que quero chamar-lhe irmão!...

Quem dirá que d'estas aguas
Não sou eu sómente o rei?
O mar do mediterraneo
Ao meu sceptro sujeitei!
Ao meu sceptro — que é o *leme,*
D'onde rege a minha lei;
Á minha c'roa de nuvens,
Ao meu nome — de Muley?...

F. Gomes de Amorim.

A presente poesia foi pedida com instancia por um amigo meu: bastante tempo resisti, porque, não sendo de profissão, maritimo, nem d'estudo, poeta, temi com rasão, que as pessoas, que tem de a ler, entendidas n'estas duas materias, me criminem pelos erros innumeraveis (que porventura até condemnarão os que não entendem); porém eu peço indulgencia para os versos, e para os termos nauticos, que não estejam em harmonia com a acção; mas o gosto, que tenho pela poesia maritima — tão escaça em Portugal — foi quem me inspirou esta producção,

talvez fragil no pensamento, mas grande na imaginação e nos meus desejos.

Historia do Direito Romano na Edade Media.

Por F. C. de Savigny, *traduzida do Allemão por M. Ch.* Guenoux.

V E ULTIMO.

737 Depois d'estas observações geraes sobre as universidades da edade média, passa o Sr. Savigny a fallar em particular das de Bolonha, Padua, Pisa, Vicenza, Vercelli, Arezzo, Ferrara, Roma, Napoles, Perugia, e outras da Italia, bem como das de París, Montpellier, Orléans, Toulouse, Valence, Bourges, Salamanca, Alcala, e Coimbra. Este trabalho é muito interessante pelo minucioso cuidado com que elle investiga tudo quanto é relativo á fundação d'estes estabelecimentos, seus estatutos, condição dos estudantes, dos professores, objecto do ensino, natureza das lições, etc., etc., etc. Não posso acompanha-lo n'estes pormenores, porque me levaria muito longe este empenho; em todo o caso, porém, o acompanharia de bom grado no que é relativo á Universidade de Coimbra; — mas a este respeito contenta-se elle com estas breves palavras: *Coimbra: — Sousa, T. 1. das Provas do liv. 2, da hist. gen. da Casa Real Port. n.º 4, pag. 75, traz os Estatutos feitos em 1309 por ElRei D. Diniz, onde se vê que Coimbra tinha uma Universidade d'Estudantes*. N. B. Parece redundancia dizer *Universidade de Estudantes*; no entanto deve ponderar-se que o nosso auctor está fallando da edade média, e segundo as denominações especiaes e privativas d'aquella epocha: assim, por exemplo, a eschola de Bolonha, na qualidade de corporação era chamada *Universitas scholarium*, e a de París *Universitas magistrorum*.

Todas estas universidades eram o campo de batalha dos *Glossadores*, e estabelecimentos abertos á sciencia dos jurisconsultos. O Sr. Savigny, antes de examinar os trabalhos, a que elles se entregaram com pasmosa diligencia e extraordinaria energia na edade média, averigua primeiramente quaes as fontes do direito a que elles foram beber.

Os glossadores tinham, para consultarem, estudarem, e interpretarem, as Pandectas *(Digestum)*, o Codigo, as Institutas, o antigo texto das Novellas *(Authenticum)*, e o epitome das Novellas, por Juliano *(Novellæ)*. Póde asseverar-se que as demais fontes de direito romano, que nós possuimos, lhes eram desconhecidas.

A par do direito romano, e concorrentemente com elle, existiam differentes generos de fontes, taes como a *lombarda*, a compilação do direito feudal lombardo, as leis dos imperadores modernos, os estatutos de muitas cidades, e os livros de direito canonico.

Em seguimento entra o nosso auctor em profundas investigações para determinar a natureza, o valor, e o merecimento dos manuscriptos, que os glossadores tiveram á sua disposição para fixarem o texto do direito romano, e os compara com os que nós possuimos hoje. É riquissimo de erudição todo este trabalho, e sobre modo notavel pela finissima critica com que o Sr. Savigny deslinda a verdade no meio de mil confusões e incertezas.

Vejamos agora rapidamente o papel que representaram os *glossadores*, como professores, e como escriptores. — Faziam as suas prelecções sobre as cinco partes do *Corpus juris*, e ainda se conservam as de Odofredo sobre as tres partes do Digesto, e os nove primeiros livros do Codigo. Um professor tinha a faculdade de estabelecer differentes cursos — cada curso durava um anno, e cada sessão uma hora. Na primeira metade do seculo XIV fizeram-se algumas alterações na distribuição dos cursos. As tres partes do Digesto e o Codigo foram ensinados simultaneamente por dois doutores. O *volumen*, que continha as Institutas, as Authenticas, o direito feudal, as leis imperiaes, e os tres ultimos livros do Codigo, era explicado por um só professor; mais tarde, porém, introduziu-se o costume dos cursos especiaes sobre uma só materia. Em regra não se devia ensinar senão o direito romano e o direito canonico; mas ha provas de que se faziam tambem prelecções sobre o *notariado*.

Em quanto ao methodo dos jurisconsultos nos seus cursos, é de saber que começavam por dar uma noticia geral de todo o titulo *(summa)*; depois liam o *texto*, tal qual o haviam determinado pela sua critica; passavam a esclarecer as difficuldades, as contradicções e as especies *(casus)*; reuniam as regras geraes *(brocarda)*; e finalmente discutiam os pontos duvidosos *(quæstiones)*. Em todo o caso, cada um dos professores tinha ampla liberdade no ensino e no methodo. Os estudantes escreviam o que os professores dictavam, e o que se torna mais notavel, é que conversavam durante a lição, e até interrogavam os professores.

Nos primeiros tempos da eschola dos glossadores, limitavam-se os seus trabalhos a lições oraes; no entanto tambem, mais tarde, compozeram obras, cujo objecto principal era a interpretação do *Corpus juris*, de maneira que as *glossas* eram, n'esta epocha, o centro de toda a litteratura do direito.

As *glossas* não são, como se tem julgado, simples apostílas dos estudantes, mas sim os commentarios, que um jurisconsulto inseria no seu exemplar do *texto*, para serem conservados, copiados e espalhados com todas as obras; — e afim de que os commentarios de um jurisconsulto se distinguissem dos de outro, eram acompanhados da letra inicial do respectivo glossador.

Entre as glossas d'um jurisconsulto e as suas lições havia esta differença: nas glossas resumia elle o que sabia de mais bem apurado e mais original sobre qualquer lei — em quanto que nas lições entrava quasi sempre em certos desinvolvimentos, faceis de comprehender, e geralmente conhecidos.

No principio as glossas eram curtas explicações de uma palavra difficil, collocadas entre as linhas do texto *(glossas interlineares)*, ou tambem explicações mais extensas e collocadas á margem, as quaes pouco e pouco foram formando uma especie de commentario perpetuo; mas depois passaram a designar egual-

mente a explicação da substancia e essencia dos textos e leis.

O capitulo, em que o nosso auctor tracta dos glossadores, do qual eu acabo de dar um muito abreviado resumo, merece ser lido em consequencia da grande e agradavel erudição, que alli desinvolve. — Egualmente inspira bastante interesse o capitulo immediato, em que tracta do estado material dos livros, e apresenta curiosas noticias ácerca dos copistas, dos artistas que trabalhavam nos manuscriptos, dos materiaes que empregavam, do commercio e do preço dos livros, e finalmente das bibliothecas.

(Continuar-se-ha.)

José Silvestre Ribeiro.

Paulo da Gama.

Com a maior satisfação, e por ser do agrado de seu auctor, extrahimos do *Angrense* o seguinte artigo, tributando mais uma vez os nossos louvores ao Sr. Felix José da Costa por se interessar pelas nossas esquecidas glorias historicas.

O Sr. Governador Civil é merecedor de todo o elogio por haver conservado para a posteridade a memoria do celebre Paulo da Gama.

738 Fomos nós o primeiro terceirense que, nos tempos modernos, em 1845, demos pela imprensa a noticia de existir ainda n'esta ilha o mais authentico de todos os retratos d'elrei D. Sebastião, e achar-se elle collocado na casa que dá entrada para a sachristia da egreja do collegio d'esta cidade.

Fomos nós o primeiro que demos pela imprensa a noticia de que o actual governador civil d'este districto, o Sr. Antonio José Vieira Santa Rita, apreciando o retrato d'um rei tão *fidelissimo* e tão *portuguez*, o tinha transferido para a sala do docel do palacio do governo.

E somos nós hoje o primeiro a annunciar tambem, a todos os que verdadeiramente presam as recordações de nossas glorias, e as reliquias da nossa grandeza, que o mesmo governador civil acaba de inaugurar uma pequena memoria a Paulo da Gama, irmão do immortal Vasco da Gama, inclito descobridor das Indias Orientaes.

Dois antecessores d'este magistrado administrativo cuidaram, por vezes, descobrir n'esta ilha a existencia do jazigo de Paulo da Gama, visto ter sido aqui onde elle morreu, quando, na volta da sua famosa expedição, veio tractar-se de uma penosa doença que o assaltára.

O nobre visconde de Bruges, no tempo da sua benefica administração, inquiriu, com a vontade bem patriotica que lhe é natural, saber do local que dera sepultura a tão ousado navegante.

O illustrado José Silvestre Ribeiro, com o subido engenho litterario que o caracterisa, escreveu, averiguou, e lidou sobre este ponto, e não se demorou em publicar quanto alcançou da historia, apresentando a idéa que lhe andava no pensamento, de fazer collocar uma inscripção que reparasse a falta, que os amantes da gloria nacional deploravam, de não existir ou não se haver encontrado uma lapide sepulchral que apresentasse o nome de Paulo da Gama.

Foi por esse tempo averiguado que o illustre argonauta fôra enterrado na egreja do primeiro convento que os franciscanos, em 1460, no afortunado tempo d'elrei D. Manuel, fundaram n'esta cidade.

E assim se deixa ver pelo que se acha escripto na *Historia Serafica e Chronologica da Ordem de S. Francisco*, quando no cap. 3.°, liv. 1.°, part. 3.ª, tracta da fundação d'aquelle primeiro convento em o sitio doado por João Vas Corte Real, donatario da ilha.

Diz assim aquella historia em varios periodos: — «Aqui deram os nossos religiosos amorosa sepultura «em as entranhas da terra ao insigne heroe Paulo da «Gama, irmão do grande Vasco da Gama.» — «Vi«nha Paulo da Gama enfermo de tão prolixa e lar«ga navegação, qual é a já referida, e desembar«cando n'esta cidade d'Angra, n'ella acabou os seus «dias...» — «Quiz sepultar-se á sombra de S. Fran«cisco em uma cova rasa, merecendo seus ossos mau«soléus eminentes, sobre que voasse a fama immor«tal de suas acções illustres.»

Quando pois em 7 de Março de 1666, e a diligencias de Fr. Fernando Laranjo, se principiou a obra da nova edificação do convento de S. Francisco, para ficar mais amplo, e no vasto e sumptuoso ponto que hoje se observa, é natural que os despojos mortaes d'aquelle illustre portuguez, ou ficassem sumidos debaixo da nova construcção, ou fossem mudados para jazigo da egreja, que então se edificou. — O certo é que em todo o caso é este o sitio onde, segundo todos os apontamentos historicos, ficaram para todo o sempre depositados e sumidos os venerandos ossos de Paulo da Gama, embora se não tenha decifrado um só epitaphio que, com evidencia, no-lo indique.

N'este presupposto, o senhor governador civil Santa Rita quiz assignalar, com uma *inscripção singela mas patriotica*, o local onde a historia nos apresenta o jazigo do afamado capitão, e indicar ao futuro o archivo onde repousam os restos d'esse homem grande e ousado, que o destino tinha fadado acabar seus dias n'este torrão, o mais memoravel e historico dos dominios portuguezes!

Hoje que só as paixões politicas refervem, e que o nome de Portugal só parece ter valor pelas suas memorias historicas e tumulares, tornava-se esta resolução requerida por todas as conveniencias sociaes e gloriosas do paiz.

Coube pois ao chefe do districto realisa-la no dia 28 de Janeiro do corrente anno.

E lá ficou, e está na igreja de S. Francisco, ao lado da capella mór, da parte do Evangelho, e junto á porta da sacristia, embutida na parede uma pedra marmore, em que se lê a seguinte inscripção:

Á memoria do irmam de Vasco da Gama, o illustre capitam Paulo da Gama, sepultado neste convento. Anno 1499. Erigiu-lhe esta La-

pida o Governador Civil, A. J. V. Santa Rita, em Janeiro — 28 — 1849.

Oh! que coração portuguez deixará de ter ufania, e semear-se de saudades, ao observar aquelle distico, inspirador de honrosas memorias! Que brios não despertará no meio d'aquella religiosa solidão o nome de Paulo da Gama, e a lembrança d'aquella empreza, que serviu de têa a esse poema divino, em que o lusitano Homero cantou:

As armas e os varões assignalados,
Que da occidental praia lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana:
Que em perigos e guerras esforçados,
Mais do que permittia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram.

Os terceirenses, visitando aquella egreja, apontarão com respeito para esta pedra, e recontarão a seus filhos e netos a espantosa herança que nos legou aquelle portuguez, e seus companheiros, quando, descobrindo a India, recamaram esplendidamente a nossa historia com feito tão memorando, que, mimoso pomo d'essa edade d'oiro, attestou para sempre o que fomos, o que soubemos, e o que podémos!

Angra do Heroismo, 12 de Março de 1849.

FELIX JOSÉ DA COSTA.

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

24 A 28 DE AGOSTO.

Diario n.º 200.

739 PORTARIA declarando que as parteiras não são obrigadas ao pagamento do sello pelas suas cartas de approvação.

Outra regulando o modo por que deve ter logar o pagamento do imposto creado para amortisação das notas, quando for addicionado a direitos de mercês.

—

Dito n.º 201.

Portaria providenciando sobre os individuos, que depois de serem sorteados para o recrutamento, se evadem dos seus domicilios, indo residir em outros pontos.

Outra mandando que as Camaras Municipaes sejam obrigadas a receber os donativos com que quaesquer pessoas queiram concorrer para as obras publicas.

Auto de concessão da exploração de uma mina de chumbo, situada no Concelho de Idanha Nova, Districto de Castello Branco.

Condições para a arrematação dos direitos das carnes verdes, que se venderem no termo de Lisboa para consumo dos seus moradores.

Bocca abençoada.

740 Não acreditamos em pragas — nem o tempo está para que haja d'essas crenças. Damos a noticia, que tem por titulo — Bocca excommungada — como a narração de um facto, e nada mais.

Como correctivo contaremos o seguinte, que é caso de maxima veracidade.

Em um dos dias da semana passada, uma criada velha do Sr. Manoel Cardoso dos Santos foi fallar-lhe logo pela manhã, e diz-lhe: «Sonhei esta noite, que chegára o brigue Fortuna.» Assim que o Sr. Cardoso chega ao Escriptorio do Contracto do Tabaco, recebe a noticia de se ter avistado esse seu navio, que vinha do Rio de Janeiro.

Macrobio.

741 FALLECEU no ultimo de Agosto do corrente anno, no Hospital de S. José, d'esta cidade, João Caetano Antunes Bacellar, de edade de 114 annos, que os havia completado a 10 do mesmo mez em que falleceu.

Era natural de *Covas*, pequena aldeia em Traz-os-Montes. Veio para Lisboa procurar fortuna aos 14 annos, onde se arranjou, segundo elle dizia, por criado de um empregado do hospital.

Assentou praça em cavallaria, onde serviu dez annos. Depois dedicou-se á vida de contrabandista, onde adquiriu alguma fortuna. Foi depois marchante, e casou a primeira vez em 1778, e teve uma só filha, que ainda vive.

Era de genio forte e activo.

Foi sempre muito regular no seu modo de viver. Não tomava comida alguma que não estivesse inteiramente fria, e se era obrigado a comer de algumas quentes, não o fazia sem muita repugnancia. Gostou sempre de beber vinho, o que fazia amiudadas vezes, porém em pequenas quantidades: rarissimas vezes se embriagou. Foi sempre muito aceado, e nunca se lavava senão em agua fria. De edade já muito avançada gostava de tomar banhos frios.

Casou a segunda vez aos 96 annos de edade com uma rapariga de 26 annos, e a esse tempo entrou para criado das freiras flamengas, ao Calvario. Poucas pessoas não se recordarão de ver um velho, que mal se podia arrastar, andar com um nicho na mão a pedir esmola pelas ruas d'esta cidade e pelos seus arrabaldes. Andava leguas no dia a pedir para as freiras, e quando chegava á noite não se queixava de fadiga. Gosou sempre de uma saude muito robusta. Poucas vezes esteve doente.

Tinha memoria muito feliz, e gostava de narrar os acontecimentos que havia presenciado, taes como o terremoto, os tiros em elrei D. José, a execução dos fidalgos, a erecção da estatua equestre, a guerra de 1762, etc., etc.

Não sabia ler nem escrever.

A molestia mais grave que teve foi aos 110 annos de edade, em consequencia de ter quebrado uma perna. D'esta data em diante nunca mais sahiu de caza. Quando se julgou bom, quiz levantar-se da cama, o que executou, e d'aqui proveio a sua morte.

pois tornou a quebrar a mesma perna. N'aquella edade difficil seria uma boa cura senão passado muito tempo; em consequencia d'isto entreveceu, e quiz ir para o hospital, onde esteve 7 mezes, e onde falleceu.

* *

Corrida de toiros em beneficio do Asylo da Mendicidade.

742 É PARA lamentar que um estabelecimento como o Asylo da Mendicidade tenha de ser sustentado por meio de beneficios, e oxalá que a realisação das nossas idéas, expostas em o n.º 42 d'este Jornal, lhe podesse dar uma solida duração.

Domingo haverá no Campo de Santa Anna uma brilhante corrida de toiros em beneficio do Asylo. Sabemos que se tem feito grandes esforços para que ella seja pomposa, e satisfaça os amadores d'este divertimento.

Não sympathisamos com as corridas de toiros, mas n'este caso julgámos dever dar esta noticia.

Companhia das Pescarias Lisbonense.

743 CONSTA-NOS que a pescaria do bacalháu, n'este anno, foi das mais abundantes que tem havido.

Dizem-nos que já entraram n'este porto cinco navios, vindos da pesca do bacalháu, nos bancos da Terra-Nova; — entre estes navios ha um que trouxe 52 milheiros; e o que traz menos, vem com 27 milheiros, entre os quaes entram 15 a 16 milheiros com mais de 15 arrateis de pezo cada peixe.

É esta uma agradavel nova, que julgámos não dever deixar de a dar aos leitores da REVISTA.

* *

Bocca excommungada.

744 DURANTE as festas de Bemfica, em Junho passado, entre os milhares de pessoas, que alli foram, ía um artista dos mais habeis da capital do officio de torneiro. Montado em um cavallo, divertia-se em percorrer o arrayal com todo o fogo dos seus trinta annos, avidos de prazer.

Passando junto a uma vendedeira de queijadas sediças, a *espantára* com o cavallo. Esta, assustada do perigo imaginario, dirige-lhe, pela bocca do diabo, uma imprecação maldita:

«Que em menos de um quarto de hora quebres as pernas, e não te levantes da cama senão d'aqui a quatro mezes!» Rosnou a Megéra.

Pouco tempo depois, fóra já do arrayal o povo apinhava-se em volta de um homem, que, cahido, partíra a perna esquerda. Era o mesmo homem, em quem se verificava a praga da mulher.

Já fez 40 dias que este infeliz se acha de cama, e ao qual ainda no sabbado ultimo se fez junta de cirurgiões.

Permitta Deus que a praga se não verifique no resto.

* *

Ultimo concerto do Sr. Kontski.

745 SEGUNDA feira não havia um só logar disponivel no theatro de D. Maria II. O beneficio do Asylo da Mendicidade teve o que se chama uma enchente real. E todo esse grande concurso era attrahido não só pelo sentimento de caridade, mas tambem porque o Sr. Kontsky se prestou com o maior cavalheirismo e generosidade para auxiliar, com o seu extraordinario talento, as intenções da illustre Commissão do Asylo.

O distincto pianista tocou por tal modo, que parecia verdadeiramente inspirado pela digna acção, que praticava. Foi mui grande o enthusiasmo que promoveu: e o trecho do *Attita*, que pela primeira vez tocou em Lisboa, é como um poema, que houvesse recolhido na harmonia do rythmo o maravilhoso pensamento de Verdi.

COMMERCIO.

746

Cereaes em 12 de Setembro.

Trigo do reino rijo	de	340	a	420	réis	a bordo.
» » molle	de	410	a	450	»	»
» da ilha	de	350	a	400	»	»
Milho do reino.....	de	220	a	230	»	»
» da ilha.....	de	180	a	190	»	»
Cevada do reino	de	180	a	190	»	»
» da ilha	de	150	a	160	»	»
Centeio do reino	de	210	a	215	»	»

Praça de Lisboa, 12 de Setembro. — Fundos publicos de 5 por cento são procurados por 58. Acções do Banco de Portugal 460$000 réis. O desconto das notas desceu a 1$650.

— Cambios effectuados na Praça de Lisboa em 12 de Setembro de 1849.

Londres	30 d v.	53 1/2
	60 d v.	53 5/8
	90 d d.	53 3/4
París 100 d d		524
Hamburgo 3 m d.		49 7/8
Amsterdam »		43 1/2
Porto 8 d. v.		1/2 por 100.

— *Estado do mercado, em 12 de Setembro de 1849.*

Assucar de Pernambuco B 1$300 a 1$550 rs. Do Rio dito 1$250 a 1$350 rs. Da Bahia dito 1$250 a 1$400 rs. Mascavado novo 1$100 a 1$200 rs. Dito velho 850 a 1$000 rs. — As vendas limitam-se ao consumo, tendo havido apenas uma pequena venda para embarque. Os compradores acham-se desanimados em virtude das ultimas porções chegadas de Pernambuco e Bahia.

Cacáu 1$700 a 1$750 rs. — O mercado acha-se mui diminuto, tornando-se nominaes os preços cotados.

Café, 1.ª sorte 1$900 a 2$000 2.ª dita 1$700 a 1$800 rs. 3.ª dita 1$550 a 1$650 rs. Escolha 1$000 a 1$100 rs. — Continuam as vendas para reexportar e para cousumo, sendo procurada a primeira qualidade.

Cera d'Angola B 230 a 235 rs. Dita A 220 a 225 rs. — É procurada, e a que chegou terá prompta venda.

Marfim de lei 920 a 960 rs. Dito meão 820 a 840 rs. Dito escaravelho 500 a 600 rs. — Continuam as vendas para reexportar.

Urzella 6$000 a 6$500 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

BIBLIOGRAPHIA.

Recommendar o publicação, que se segue, é uma nullidade, mas é tambem um dever. É uma poesia, que val pelo assumpto, pelo nome do auctor, e pela harmonia com que o metro reproduz o alto e abençoado pensamento do poeta.

747 *Hymno dos Lavradores.* — Com musica, pelo Sr. João Luiz de Moraes Pereira. Offerecido á Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense, no seu banquete campestre de 13 de Junho de 1849, por Antonio Feliciano de Castilho, da mesma Sociedade.

Vende-se na loja do Sr. João Paulo Lavado, na rua Augusta n.º 8.

—

Não conhecemos a obra, cujo prospecto da traducção abaixo copiâmos, senão pelas noções que d'ella nos teem dado varias pessoas, e por isso a não recommendâmos senão debaixo de toda a reserva: quanto á traducção, só diremos que é feita por dois mancebos estudiosos.

O Manual da Saude, ou O Medico-Pharmaceutico de si mesmo, contendo todas as regras theoricas e praticas necessarias para se saber preparar e applicar a si mesmo os medicamentos, e preservar ou curar promptamente, e com pouca despeza, a maior parte das molestias, e procurar um lenitivo, quasi equivalente a saude, ás incuraveis ou chronicas; por F. V. Raspail. 3.ª edição revista e augmentada. Traduzido do francez por R. M. N. e D. S. C.

Com este titulo vae publicar-se um volume, que tem por objecto ministrar ás pessoas estranhas á medicina, não sómente os meios de se manterem com boa saude, e de saberem julgar das prescripções do medico, mas ainda a maneira de applicarem (no maior numero de casos) a si mesmo o tractamento proprio á natureza de suas enfermidades, e bem assim de confeccionarem os medicamentos com a perfeição de um habil pharmaceutico.

Raspail, por meio de longas observações theoricas, formulou um tractamento pratico, do qual os resultados não teem sido desmentidos ha oito annos, que faz uso d'elle (em França) n'uma infinidade de molestias. Facultativos abalisados teem adoptado este methodo, e não hesitam em o auctorisar com a sua approvação.

Este tractamento está por tal arte ao alcance de todos, que qualquer individuo, com o seu auxilio, fica em estado de se poder curar a si por meios tão faceis como efficazes.

Publicar-se-ha todas as semanas uma folha d'esta obra, que não excederá d'um volume de 400 paginas in 8.º, em bom typo e bom papel. — Preço 20 rs. — á entrega.

As assignaturas da capital recebem-se nas seguintes lojas: — Srs. Lavado, rua Augusta n.º 8; Viuva Henriques, na mesma rua n.º 1; e na rua da Prata n.º 17, 2.º andar, onde se recebem as das provincias, *francas de porte.*

—

Boletim de Rilhafolles. — Destinado a dar uma conta periodica do novo hospicio de alienados, estabelecido em Rilhafolles, em relação ao seu organismo, á sua estatistica diversamente considerada, ao exito dos methodos curativos, empregados em geral e em particular nos casos mais salientes da loucura.

Este jornal não póde deixar de ser de um immenso interesse para o publico, já pelo desinvolvimento do seu programma, já pela facilidade e promptidão com que qualquer pessoa das provincias, ou mesmo de fóra do reino, póde, por meio do mesmo jornal, obter informações exactas do estado sanitario de qualquer doente em tractamento no hospital de Rilhafolles.

Vende-se na loja do Sr. Lavado, na rua Augusta n.º 8.

Para as Srs. Assignantes 40 rs., pagos no acto da entrega.

Expediente.

A Redacção annunciará, e, convindo, analysará qualquer publicação estrangeira ou nacional, que lhe seja remettida. O annuncio se fará na parte bibliographica. Quando assentar que o não deve fazer, restituirá a publicação de que não der noticia.

— Agradecemos ao Sr. José Maria de Abreu a sua carta de 8 do corrente, e os exemplares, que nos remetteu, de varios trabalhos seus, que tem publicado ácerca da — Instrucção Publica. — O artigo, que nos remetteu, será publicado.

— Recebemos os dois exemplares da Cartilha Christã, que do Porto nos remetteu o Sr. Sebastião José Pereira; e em artigo especial faremos menção d'esta obra,

— Muito estimâmos que os nossos irmãos do Brasil acceitem o convite, por nós tantas vezes feito, para collaborarem na Revista; e entre outras provas, que temos recebido, de que a nossa voz se não tem erguido debalde, contâmos as duas poesias, que nos remetteu o Sr. A. Marques Rodrigues, e as quaes serão publicadas.

— A traducção do Filho de Jephté, de Lord Byron, pelo Sr. Luiz Filippe Leite, será publicada.

— Recebemos:

O Cartista dos Açores, jornal politico.

Correio Michaelense, jornal politico.

O Independente n.º 2.